

## **ROUSSEAU: A “EXPERIÊNCIA” E O PENSAR**

José João Neves Barbosa Vicente<sup>1</sup>

### **RESUMO**

As experiências vividas podem impulsionar o pensar, despertá-lo e levá-lo a produzir grandes filosofias. A proposta deste texto é discutir a questão a partir de Rousseau, ressaltando a influência decisiva que as experiências vividas por ele em sua época teve no desenvolvimento das suas ideias.

**PALAVRAS – CHAVE:** Aparência. Experiência. Pensamento.

### **ABSTRACT**

The lived experiences can boost the think, wake him up and get him to produce great philosophies. The purpose of this paper is to discuss the issue from Rousseau, emphasizing the decisive influence which the experiences for him in his times in the development of his ideas.

**KEYWORDS:** Appearance. Experience, Thought;

Estudar o pensamento de Rousseau significa também entrar em contato com suas experiências pessoais. Ou em outras palavras, quando se pretende compreender as suas ideias, pelo menos uma coisa não deve ser ignorada: as experiências vividas por ele em sua época. Destacar essas experiências nos escritos do pensador genebrino, não significa simplesmente tocar em uma das molas propulsoras de todo o seu pensamento, mas também dizer que o “mal”, por mais terrível e horripilante que possa ser, nem sempre é capaz de travar ou destruir o pensar; ele pode despertá-lo, fortalecê-lo e impulsioná-lo. Como observou Casini (1974,

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

p.15), Rousseau soube demonstrar que o bom uso das adversidades e dos conflitos interiores podem ser sinais de genialidade, ou ainda, para usar aqui as palavras de Neiman (2003, p.17), o pensador genebrino soube demonstrar “que o lugar por onde se começa” pode ser “perfeitamente comum”, isto é, que o filosofar pode envolver questões “urgentes e penetrantes” e não apenas questões relacionadas com “os dilemas epistemológicos”.

Para Rousseau, nenhum outro acontecimento foi mais marcante em sua vida do que a sua experiência com a “aparência”, nada foi mais terrível para ele do que os “males da aparência” dos quais foi vítima em pleno Século das Luzes; nesse sentido, seus escritos, de um modo geral, representam uma luta incessante contra esses males no seio da sociedade. Seguindo aqui os comentários de Starobinsky (2011), pode-se dizer que a aparência não é apenas um assunto presente de forma intensa em todas as reflexões do pensador genebrino, mas também que não se pode desvincular as suas ideias do modo como ele conviveu e interpretou a sociedade de aparência da sua época, ou em outras palavras, não se pode separar o pensamento de Rousseau daquilo que Starobinski (2011, p.17) chamou de “experiência original do malefício da aparência” em sua vida.

Nada é mais insuportável e desprezível para Rousseau do que uma sociedade dominada pela aparência que na infância ele teve o desprazer de experimentar e que marcou e determinou firmemente o seu pensamento na vida adulta. O que o pensador genebrino escreveu ao longo de toda a sua vida representa, em sua maioria, uma oposição radical e decidida contra a sociedade de aparência da sua época, e longe desse contexto parece impossível de se compreender o sentido e o alcance de toda a sua produção intelectual. Portanto, presente de forma persistente em seus escritos, a “aparência” surge assim como um dos assuntos que não pode ser menosprezado quando se pretende compreender verdadeiramente as ideias de Rousseau e as suas críticas à sociedade da sua época e suas instituições. O “contato” extremamente desagradável que Rousseau teve com a aparência na infância, nunca mais saiu da sua mente, ou como está registrado em sua obra autobiográfica *Confissões*, o pensador genebrino nunca se desvencilhou dos primeiros acontecimentos que ocorreram com ele na infância quando ainda não possuía qualquer “ideia de injustiça”; pelo contrário, permaneceu ligado a eles; o “malefício da aparência” ficou gravado para sempre em sua mente,

os primeiros acidentes que se me gravaram na cabeça aí permaneceram, ao passo que os que depois nela se vieram a imprimir combinaram-se com aqueles mais do

que os apagaram. Há uma certa sucessão de afecções e de ideias que modificam as que se lhes seguem, e que é preciso conhecer para julgarmos bem destas. Em tudo diligencio desenvolver bem as primeiras causas, para fazer compreender o encadeamento dos efeitos (ROUSSEAU, 1964, p.175).

De todo modo, para uma análise mais consistente e coerente do pensamento de Rousseau, parece ser importante esclarecer o seguinte: considerar a aparência como um assunto presente no centro das reflexões de Rousseau, não significa, em hipótese alguma, afirmar ou defender que o pensador genebrino seja o primeiro pensador a refletir sobre tal assunto, ou que ele seja o único em sua época a tratar desse tema. De acordo com os estudos desenvolvidos por Cobo (1995, p.55-56) e de Starobinski (2011, p.13), por exemplo, falar sobre o tema da aparência em pleno século XVIII, não tinha nada de original, significava falar de algo comum, as denúncias das falsas aparências, das convenções, das hipocrisias e das máscaras eram constantemente feitas pela igreja, pelo teatro, pelos romances e pelos jornais, e na própria história da filosofia a primeira controvérsia a ser encontrada diz respeito à aparência e à realidade, e o que alimentou essa controvérsia, conforme observações de Neiman (2003, p.24), “não foi o medo de que o mundo pudesse, no final das contas, não ser como nos parecia – mas sim o medo de que fosse”. O que deve ser assinalado em relação ao pensador genebrino, como sugeriu Starobinski (2011, p.13), é que com ele a “aparência” toma uma nova forma: “o lugar-comum recobra vida: incendeia-se, torna-se incandescente” e “confere ao discurso sua tensão dramática” exprimindo “dor” e “dilaceramento”.

A experiência dramática de Rousseau com a aparência que provocou sua ira contra a sociedade do seu tempo aconteceu, portanto, na infância, como já foi dito anteriormente de forma breve. Isso significa dizer que ele não descobriu a aparência através de um esforço intelectual, mas também não foi através de uma simples brincadeira de criança, nas palavras de Starobinski (2011, p.20), Rousseau “descobre o parecer como vítima do parecer”, um acontecimento desagradável que ocorreu na casa do ministro Lambercier quando foi acusado de ter deliberadamente quebrado os dentes da travessa, um pente curvo usado pela senhorita Lambercier para assegurar o cabelo. Para se ter a ideia do sentido e do alcance desse acontecimento que marcou profundamente a vida e a obra do pensador genebrino é preciso uma atenção especial ao seu relato autobiográfico *Confissões*. É nesse relato que o pensador genebrino faz sua autoapresentação nos mínimos detalhes, pois para ele, no mundo, apenas

um homem o conhecia verdadeiramente, e este homem era ele mesmo: “Ninguém no mundo me conhece a não ser eu” (ROUSSEAU, 2005, p.22).

Dispensar ou menosprezar a leitura do seu relato autobiográfico pode ser um grande empecilho para que Rousseau seja compreendido verdadeiramente. Como observou Burt (2009, p.11), a obra autobiográfica *Confissões* tem o seu lugar de destaque entre os grandes escritos da humanidade, e não foi por acaso que o pensador genebrino é “considerado o pai da autobiografia moderna”. É nessa obra que estão registrados, de acordo com as suas próprias palavras, tudo o que ele fez, pensou e foi: “Eis aqui o que fiz, o que pensei, aquilo que fui. Falei, com igual franqueza, do bem e do mal” (ROUSSEAU, 1964, p.15). Como observou Casini (1974, p.8), quando se pretende compreender o pensamento de Rousseau, não se pode dispensar “as páginas autobiográficas”, elas devem estar sempre presentes, principalmente as páginas de *Confissões*. É precisamente nessa obra que Rousseau (1964, p.16; 66), “um homem em toda verdade da natureza”, disposto a mostrar-se “inteiramente ao público” sem “que nada fique obscuro ou oculto”, narra o acontecimento marcante da sua vida.

Na casa do ministro Lambercier, Rousseau (1964, p.28-29) conta que um dia estava “a estudar a lição num quarto contíguo à cozinha” e a empregada colocou para “secar no nicho da parede da lareira as travessas de Mademoiselle Lambercier”, mas quando ela voltou para pegá-las, percebeu que “havia uma com uma fiada de dentes todos partidos”. O pensador genebrino diz que ninguém mais foi culpado por aquele “estrage” além dele, “a convicção” daqueles que o acusavam era tão “forte” que de nada adiantaram os seus “protestos” e a sua insistência em declarar que era “inocente”, ou seja, seus acusadores em nenhum momento acreditaram que ele “não tinha quebrado nem tocado na travessa”, não se aproximou do “nicho” e “nem sequer nisso tinha pensado”. Após quase cinquenta anos, o pensador genebrino ao falar daquele “desastre” que aconteceu com ele na casa do ministro Lambercier e do “rigor” do “castigo terrível” que sofreu por um crime que não cometeu, reconhece que “ainda não tinha razão suficiente” para entender com clareza como “as aparências” o condenavam”, mas admite que tal acontecimento causou profundo desconforto em seu espírito, principalmente porque foi provocado por pessoas que ele tinha admiração e respeito, ou seja, aqueles que, ao seu modo de ver, deveriam acreditar na sua sinceridade e inocência, se encarregaram de julgá-lo e de condená-lo por algo que ele jamais fez:

Imagine-se um caráter tímido e dócil na vida ordinária, mas ardente, altivo, indomável nas paixões; uma criança sempre dirigida pela voz da razão, tratada

sempre com brandura, com equidade, com condescendência, que nem sequer tinha a ideia da injustiça, e que pela primeira vez sofre uma tão terrível, precisamente por parte das pessoas que mais adora e respeita: que desmoronamento de ideias! que desordem de sentimentos! que revolução no seu coração, na sua cabeça, em todo o seu pequeno ser inteligente e moral! (ROUSSEAU, 1964, p.28-29).

De acordo com observações de Starobinski (2011, p.17), quando se trata da primeira experiência de Rousseau com a aparência, é preciso destacar que “ele não começou por observar a discordância do ser e do parecer: começou por sofrê-la”, e a sua visão da sociedade e das instituições políticas do seu tempo está diretamente ligada a essa primeira experiência e ao universo da sua vida cotidiana. Rousseau poderia muito bem ter quebrado os dentes da travessa se ele quisesse, mas não o fez, estava concentrado em seus estudos, mas aos olhos daqueles que o castigaram, como destacou Burt (2009, p.36) em seus estudos, Rousseau foi o autor daquele ato e agiu de forma “intencional”; para eles, Rousseau era “culpado” de acordo com “todas as evidências”, sua “aparência” indicava que ele era ou deveria ser considerado como o único culpado. Assim, apesar de sentir “indignação, raiva e desespero” com a injusta acusação, seu esforço em negar a autoria do ocorrido soava simplesmente como “mentira” e “teimosia”.

O fato de ter certeza da sua inocência e mesmo assim ter sido insistentemente culpado, parece ter ferido profundamente a alma de Rousseau. Sua inocência em nada contribuiu para superar a sua aparência de culpado diante daqueles que o condenavam, sua insistência em dizer a verdade apenas serviu para que ele aparecesse como um mentiroso aos olhos dos seus acusadores. Para uma criança “dócil” que sempre foi tratada “com brandura”, a vida deixou de ser tranquila devido ao mal da aparência que não apenas a impediu de desfrutar da “felicidade pura”, mas também deixou profundas e inesquecíveis marcas em seu espírito. Assim, “ao relatar esta cena” depois de muitos anos, o pensador genebrino diz que o seu “pulso” ainda fica agitado e confessa: “terei sempre presentes tais momentos, ainda que viva cem mil anos”, pois “este primeiro sentimento da violência e da injustiça” experimentado na infância encontra-se gravado “profundamente na alma”, e “todas as ideias que se lhes ligam me trazem a minha primeira emoção” (ROUSSEAU, 1964, p.29).

Rousseau poderia muito bem ter seguido outro caminho, pois como ele mesmo disse, estava totalmente “amargurado pelas injustiças que experimentara ou testemunhara” e aflito “pela desordem para a qual o exemplo e a força das coisas” insistiam em arrastá-lo

(ROUSSEAU, 2005, p.23), mas não permitiu que o “mal da aparência” destruísse ou bloqueasse o seu pensamento, pelo contrário, ele fez desse mal o ponto de partida e o conteúdo do seu pensamento, ou em outras palavras, ele transformou a sua experiência pessoal em um grande tema filosófico. Portanto, em relação a tudo aquilo que aconteceu com o pensador genebrino em relação à sua experiência com o “mal da aparência”, ele saiu “em estilhas”, porém “triunfante” (ROUSSEAU, 1964, p.28). Sua vida, portanto, começou verdadeiramente quando ele pensou que estava “morto” (ROUSSEAU, 1964, p.226).

É preciso sublinhar, portanto, como disse Starobinski (2011) em suas análises, que o fato ocorrido com o pensador genebrino na casa do ministro Lamercier, não apenas marcou o início da sua reflexão, mas também ditou o rumo do seu pensamento. Nesse sentido, seus escritos representam uma batalha contra a primazia da aparência sobre a realidade, ou do parecer sobre o ser que se instalou em todos os segmentos da “sociedade moderna”, pois como ele mesmo disse: “Creio que foi desde então que experimentei aquele jogo maligno dos interesses ocultos em que esbarrei toda a vida e que provocou em mim uma bem natural aversão pela ordem aparente que os gera” (ROUSSEAU, 1964, p.88). A primeira experiência de Rousseau com a aparência abriu um profundo e intransponível abismo entre ele e o mundo social, instalou nele uma intensa oposição entre o mundo do seu eu mais profundo e uma realidade social extremamente indiferente à autenticidade, nesse sentido, ele diz:

[...] desprezei meu século e meus contemporâneos e, sentindo que não encontraria no meio deles uma situação que pudesse contentar meu coração, separei-o pouco a pouco da sociedade dos homens e criei uma outra em minha imaginação, que me encantou tanto mais quanto pude cultivá-la sem dificuldade, sem risco, e encontrá-la sempre com segurança e tal como me convinha (ROUSSEAU, 2005, p.23-24).

De acordo com observações de Ankersmit (2002, p.36), é preciso destacar que Rousseau não estava disposto a aceitar ou a suportar de forma alguma a ideia de que “as aparências podem estar completamente em desacordo com a forma como as coisas realmente são”, ele não estava disposto a viver tranquilamente no seio de uma sociedade dominada pela aparência, por isso decidiu lutar contra essa situação que contribuiu decisivamente para que ele sofresse na infância a grande injustiça da sua vida. Agora, qualquer ato de injustiça cometido sobre qualquer pessoa e em qualquer lugar, é como se acontecesse com ele, “tal sentimento, na sua origem relativo a mim”, diz Rousseau (1964, p.29), “tomou tal

consistência em si mesmo, e desligou-se de tal maneira de qualquer interesse pessoal, que o coração se me exalta com o espetáculo ou com o relato de qualquer ação injusta”, não importa o seu “objeto” e nem o “lugar” onde aconteça. Assim, em seus escritos, com argumentos claros e decididos, como sublinhou Campos (2001, p.37), Rousseau desenvolve a questão que na infância tinha surgido para ele como um “sentimento surdo”, uma “noção confusa”. Ele, na verdade, “não consentiu” em nenhum momento, como disse Starobinski (2011, p.9), “em separar seu pensamento e sua individualidade, suas teorias e seu destino pessoal”. A injustiça que sofreu na infância tornou-se, para ele, uma grande inquietação na vida adulta, suas forças foram concentradas na luta contra o mal da aparência:

[...] empreguei todas as forças da minha alma em quebrar as algemas da opinião, e em fazer corajosamente tudo o que melhor me parecia, sem me importar de forma alguma com o juízo dos homens. É inacreditável os obstáculos que tive de combater, e os esforços que fiz para triunfar deles. Consegui-o tanto quanto era possível, e mais ainda do que eu próprio havia esperado (ROUSSEAU, 1964, p.351).

Portanto, se em pleno “Século das Luzes” a maioria das pessoas estava satisfeita com a aparência, com a falsidade no viver e no agir, ou com o parecer ser o que não é, o pensador genebrino que gostava de pensar em si mesmo como único e considerava uma tortura “dizer uma palavra, escrever uma carta, fazer uma visita, desde que sejam obrigatórios” (ROUSSEAU, 2005, p.21), estava interessado apenas em viver de acordo consigo mesmo e com a natureza, em conformar seus atos às suas palavras. Para ele, como sublinhou Burgelin (1973, p.92), a ordem deve reinar no indivíduo, pois “se o pensamento faz nossa grandeza, aprender a bem pensar, agir como se pensa, constituem toda a moral, que diz respeito à unidade do homem”. Rousseau diz que por causa do seu modo de ser e de pensar, ele foi acusado pelos seus contemporâneos “de querer ser original e proceder diferentemente dos outros”. Seja como for, a verdade é que o pensador genebrino de fato, “não pensava de maneira nenhuma em proceder como os outros, nem diferentemente deles”; como ele mesmo disse, “desejava sinceramente proceder segundo o que me parecia melhor” (ROUSSEAU, 1964, p.63).

De acordo com comentários de Viroli (1988, p.159), em uma sociedade contaminada pelas aparências, “somente um homem moralmente livre pode ser verdadeiramente ele mesmo e completamente livre da aparência”, apenas ele é também capaz de contestar o estado

presente da sociedade na qual se encontra inserido. Parece que o pensador genebrino se considerava esse tipo de homem e, provavelmente, é nesse sentido que ele diz: “Não sou feito como nenhum dos que tenho visto; ousou crer ser feito como nenhum dos que existem. Se não valho mais, sou pelo menos diferente” (ROUSSEAU, 1964, p.15). Além disso, ele também parecia estar convicto da sua função: “A minha função é dizer a verdade, não é obrigar ninguém a acreditá-la” (ROUSSEAU, 1964, p.198). Assim, ao contrário do espírito do seu tempo totalmente mergulhado na aparência, ele concentrou seus esforços na busca da realidade: “Em todas as virtudes, em todos os deveres, não se busca senão a aparência; eu procuro a realidade e engano-me se houver, para chegar a ela, outros meios que os que dou” (ROUSSEAU, 1995a, p.568).

Para Rousseau, como disse Taylor (1991, p.27), a “nossa salvação moral vem da recuperação do contato moral autêntico conosco próprio”. Esse contato que, para ele, está para além de qualquer outra concepção moral, “é a fonte de alegria e de satisfação: *‘le sentiment de l’existence’*”. Um tipo de sentimento totalmente despojado de qualquer apego e que “por si mesmo” se constitui em “um sentimento precioso”, apesar de muitas pessoas agitadas por “paixões contínuas” não o conhece, ou simplesmente têm uma experiência imperfeita dele; nesse sentido, diz Rousseau (1995b, p.76), elas apenas conservam desse sentimento “uma ideia obscura e confusa que não lhes faz sentir seu encanto”. Para Rousseau, como disse Varga (2012, p.21), se o homem não quer “destruir a si próprio”, ele deve agir em harmonia com os seus “princípios secretos” que constituem o “âmago da sua identidade”, o pensador genebrino busca, portanto, a “autenticidade”; este conceito é importante em suas reflexões, de acordo com Varga (2012, p.35), contribuiu para que ele criticasse o desenvolvimento da sociedade como sendo “um processo de distorções, ou em termos fortes, patologias”.

## REFERÊNCIAS:

- ANKERSMIT, Frank. *Political representation*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2002.
- BURGELIN, Pierre. *La philosophie de l’existence de J.-J. Rousseau*. Paris: Vrin, 1973.
- BURT, Ellen. *Regard for the Other: autothanatography in Rousseau, De Quincey, Baudelaire and Wilde*. New York: Fordham University Press, 2009.
- CAMPOS, Edmilson Antunes de. *A tirania de Narciso: alteridade, narcisismo e política*. São Paulo: Annablume: 2001.



- CASINI, Paolo. *Introduzione a rousseau*. Roma: Laterza, 1974.
- COBO, Rosa. *Fundamentos del patriarcado moderno: Jean Jacques Rousseau*. Madrid: Cátedra, 1995.
- NEIMAN, Susan. *O mal no pensamento moderno: uma história alternativa da filosofia*. Trad. Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. Trad. Fernando Lopes Graça. Lisboa: Portugalia, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*. Trad. José Oscar de Almeida Marques et al. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Emílio ou da educação*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995a.
- \_\_\_\_\_. *Os devaneios do caminhante solitário*. Trad. Fúlvia Maria Moretto. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995b.
- TAYLOR, Charles. *The Ethics of Authenticity*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- VIROLI, Maurizio. *Jean-Jacques Rousseau and the “well – ordered society*. Translated by Derek Hanson. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das Letras, 2011.
- VARGA, Somogy. *Authenticity as an ethical ideal*. Abingdon & New York: Routledge, 2012.